

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

A PULSÃO DE MORTE EM FREUD E LAPLANCHE: possíveis contribuições para o debate sobre a felicidade.

Carlos Eduardo Firmino

Belo Horizonte

2015

Carlos Eduardo Firmino

A PULSÃO DE MORTE EM FREUD E LAPLANCHE: possíveis contribuições para o debate sobre a felicidade.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho.

Belo Horizonte

2015

RESUMO

No presente trabalho, buscamos discutir a felicidade na teoria psicanalítica. Utilizando como referência a obra freudiana e os escritos de Jean Laplanche, tentamos estabelecer uma relação entre a pulsão de morte e a felicidade, interrogando – sobretudo – a suposta tendência de retorno ao inorgânico. De um lado, Freud e seu programa de pesquisa marcado por certo biologicismo, influência do pensamento do século XIX; de outro, Laplanche e sua pulsão sexual de morte, inserida no contexto da Teoria da Sedução Generalizada. No entanto, a ideia de mortificação permitiu aproximá-los. Freud e Laplanche compreendem que o excesso de energia não ligada poderia ocasionar uma espécie de lento e silencioso adoecimento no indivíduo, seja pela via da autodestrutividade ou, ainda, pela rigidez excessiva. Ao final, especulamos que, levando em conta a hipótese da pulsão de morte, a felicidade depende de um trabalho psíquico que faça a mediação entre a fragmentação e a rigidez. Talvez, o processo de análise possa contribuir para que a pulsão de morte seja situada no campo da cultura. No final das contas, a pulsão de morte – assim como análise – pode ser importante para a felicidade do indivíduo.

Palavras-chave: Felicidade; pulsão de morte; pulsão sexual de morte; Freud; Laplanche.

ABSTRACT

In this research, we discuss happiness in psychoanalytic theory. Using as reference the Freud's work and the writings of Jean Laplanche, we try to establish a relationship between death drive and happiness, questioning - above all - the supposed tendency of return to the inorganic. On the one hand, Freud and his research program marked by certain biologicism, an influence the thinking of the nineteenth century; on the other hand, Laplanche and his conception of sexual death drive, set in the context of the Theory of Generalized Seduction. However, the idea of mortification allowed to approach them. Freud and Laplanche understand that excess unbound energy could cause a kind of slow and silent illness in the individual, by the path of self-destructiveness , or even by excessive rigidity. Finally, we speculated that, taking into account the hypothesis of the death drive, happiness depends on a psychic work that mediates between fragmentation and rigidity. Perhaps the process of analysis can contribute to the establish the location of the death drive in the cultural field. In the end, the death drive - as well as analysis - may be important to the happiness of the individual.

Keywords: Happiness; death drive; sexual death drive; Freud; Laplanche.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	6
2 FREUD E A PULSÃO DE MORTE -----	8
2.1 O questionamento ao princípio do prazer-----	8
2.2 O samsara de Freud-----	11
2.3 O caráter heurístico de um conceito-----	15
3 LAPLANCHE E A PULSÃO SEXUAL DE MORTE -----	18
3.1 A pulsão é sexual-----	21
3.2 Pulsão sexual de vida e pulsão sexual de morte-----	25
4 A FELICIDADE E A PULSÃO DE MORTE -----	30
4.1 A infelicidade como efeito de troca-----	31
4.2 Mortificação e infelicidade-----	33
4.3 Entre o disruptivo e a rigidez-----	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	39
REFERÊNCIAS -----	41

INTRODUÇÃO

O debate sobre o tema da felicidade me acompanha desde meados da graduação em Psicologia. Como trabalho de conclusão de curso, dediquei-me, ao longo do ano de 2010, a abordar a noção de felicidade comparando as ideias de Freud com as concepções do filósofo francês André Comte-Sponville, esforço que, posteriormente, veio a ser publicado em formato de artigo em um periódico de Psicologia (FIRMINO; KAITEL, 2013). Em linhas gerais, concluímos, ao término do trabalho citado, que, na perspectiva de Freud, a felicidade seria, por assim dizer, uma espécie de um ideal inatingível. Na medida em que a realização de todos os nossos desejos é algo impossível, teríamos acesso a uma espécie de pseudofelicidade, um engodo. Já em Comte-Sponville, por outro lado, o qual postula uma ideia de felicidade desesperada – sem esperança mesmo, tal qual a etimologia da palavra denota –, a felicidade tem um quê de aceitação e afirmação da vida e se realiza em ato. Em relação às ideias deste último fica clara a influência exercida pelo pensamento de Spinoza e, ainda, pelas concepções encontradas no budismo tibetano. Ao longo daquele trabalho, alguns pontos ficaram em aberto, principalmente no que diz respeito à hipótese freudiana da pulsão de morte.

Em certa medida, a noção de pulsão de morte em Freud vai de encontro a uma proposta de manutenção, produção e perseveração da vida. Um possível retorno ao inorgânico contrasta, de forma dura, com o ideal de felicidade, – ou de bem-estar – socialmente compartilhado tanto de um ponto de vista do sucesso individual quanto da construção coletiva de uma sociedade dita feliz. Por outro lado, e de forma bastante curiosa, da obra *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/2010), pode se depreender que, quando transferida para o exterior, sob a forma de agressividade, a pulsão de morte se tornaria uma espécie de motor de nosso progresso, assumindo, então, um lugar ambíguo, tal como a transferência se torna motor e barreira da análise.

Diante do exposto, ao longo do texto que aqui segue, retomaremos a discussão acerca do tema da felicidade, porém, de outro viés. Utilizando como referência a obra freudiana e os escritos de Jean Laplanche, tentaremos traçar, ou estabelecer, uma relação entre a pulsão de morte e os efeitos dessa no que diz respeito à felicidade. Como dissemos, nossas perguntas surgem quando levamos em conta a ideia freudiana de uma suposta tendência de retorno ao inorgânico. Assim, faremos o exercício de pensar as possíveis contribuições de Jean Laplanche, e sua noção de pulsão sexual de morte, para nosso propósito. Em última instância,

nosso objetivo é tentar responder a seguinte pergunta: levando-se em conta a hipótese da pulsão de morte, qual a concepção de felicidade poderemos construir? Cabe frisar que, no presente trabalho, *noção* e *conceito* serão utilizados como sinônimos.

Neste sentido, no primeiro capítulo abordaremos a noção de pulsão de morte conforme apresentada por Freud, sobretudo no texto *Além do Princípio do Prazer*, de 1920.

No segundo capítulo, baseados nos textos laplancheanos, discutiremos a noção de pulsão sexual de morte conforme apresentada pelo autor francês. “A felicidade e a pulsão de morte” é o título do terceiro capítulo deste trabalho. Nele reside nossa principal tarefa: fazer conversar Freud e Laplanche para tentar construir a relação possível entre felicidade e pulsão de morte.

Ao final, apresentaremos considerações que tentarão retomar o percurso aqui descrito, bem como apresentar alguns apontamentos gerais acerca de nosso propósito.

Dado o escopo do presente trabalho, não abordaremos o tema da felicidade no campo do pensamento filosófico. Apesar de nosso interesse pela discussão realizada pela filosofia, sobretudo nas escolas da antiguidade, é necessário delimitar o trabalho, haja vista a vastidão deste tema no referido campo de saber.

2 FREUD E A PULSÃO DE MORTE

Em 1920, no texto “Além do princípio do prazer” (1920/1996), Freud introduziu seu conceito de pulsão de morte. Há na escrita de tal trabalho um lugar destinado à hipótese, à especulação, como o próprio autor afirma. A suposição de que exista – em cada um de nós – uma tendência que nos direciona para a morte soa um tanto quanto absurda (FREUD, 1920/1996). Sustentá-la parece ser bastante difícil, sobretudo naquele início de século XX, tempo no qual o conhecimento científico – ao qual, à sua maneira, a psicanálise ainda se esforçava para se aproximar – mantinha-se capturado por certo espírito positivista, herança do século de Freud, espírito que exigia uma comprovação empírica das possíveis descobertas a serem apresentadas. Do lado de Freud havia a clínica como prática. Porém, justificar os seus achados clínicos a partir de uma hipótese tal qual a pulsão de morte não parecia ser uma tarefa fácil, fato que talvez, justifique certo biologicismo presente no texto “Além do princípio do prazer” (APP) ¹. Em nosso trabalho, por ora, cabe traçar, de forma introdutória, o percurso trilhado por Freud neste e em outros textos ao propor a noção de pulsão de morte.

2.1 O questionamento ao princípio do prazer

Tal como descrito no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de 1911, havia nos escritos freudianos a ideia de que toda a atividade psíquica seria guiada por uma meta: buscar prazer e evitar o desprazer. Trata-se aqui de pensar o princípio do prazer como uma *tendência* a serviço de uma *função* (FREUD, 1920/1996). A função propriamente dita é a regulação das quantidades de excitação no aparelho psíquico, compreendendo o prazer como aumento de excitação e o desprazer, por outro lado, como uma diminuição da mesma ². Na medida em que o aumento/acúmulo de excitação é sentido como desprazer no nível pré-consciente/consciente, a atividade humana seria, então, regida por uma tendência a evitá-lo.

¹ A partir deste ponto, para facilitar a leitura do texto, utilizaremos a sigla (APP).

² Posteriormente, no texto “O problema econômico do masoquismo” (1924/1996), ao comentar sobre os efeitos prazerosos da excitação sexual, Freud questiona tais definições de prazer e desprazer. Estes, diz o autor, não poderiam ser descritos apenas como aumento ou diminuição de quantidades de excitação. Seria necessária uma definição que levasse em conta aspectos qualitativos.

Porém, a partir de fenômenos encontrados no trabalho analítico e em experiências cotidianas compartilhadas socialmente, ao longo de APP, Freud questiona em que medida tal predominância do princípio do prazer se faz presente. À guisa de exemplificação, Freud utiliza como referência os sonhos traumáticos – aos quais voltaremos posteriormente – os jogos infantis, os fenômenos da transferência e, ainda, os chamados “efeitos diabólicos do destino”.

Ao discorrer a respeito dos jogos infantis, Freud comenta que, via de regra, estes são orientados por um motivo econômico, a saber, a produção de prazer na atividade do brincar. (FREUD, 1920/1996). No entanto, do exemplo citado em APP – a conhecida história do *fort da*³ – o autor retira um entendimento de que, no jogo, a criança demonstrava a renúncia pulsional que tivera de efetuar ao deixar a mãe ir (*fort=gone=ir*) sem protestar. Era um jogo que tratava do desaparecimento e do retorno, diz Freud. Porém, curiosamente, a partida da mãe era encenada como um jogo *em si*, mais frequente do que o quadro como um todo. (FREUD, 1920/1996). Assim, Freud se interessa por compreender como a repetição de uma experiência tão aflitiva para a criança poderia estar harmonizada com o princípio de prazer. Depreende-se, então, que o ato de repetir uma experiência desagradável traria para o menino “uma produção de prazer de outro tipo, mais direta”. (FREUD, 1920/1996, p.27). Neste sentido, ainda que na brincadeira do *fort-da*, na medida em que fosse repetida incansavelmente, houvesse a possibilidade de a criança passar da posição passiva à ativa – já que através do jogo manipula conforme seu interesse a situação, garantindo-lhe certo controle da mesma, o que estaria a serviço do princípio do prazer – Freud insiste que há uma produção de prazer advinda de outra fonte. Porém, conforme comentam Caropreso e Simanke (2006), Freud parece não tirar maiores conclusões acerca dos jogos infantis e encaminha a sua discussão para outros pontos.

Seguindo sua linha de raciocínio, orientada pelo questionamento da predominância do princípio do prazer em toda a atividade humana, Freud apresenta no Capítulo III de APP os seus achados clínicos, por assim dizer. Inicialmente, comenta que, durante o processo analítico, alguns pacientes, ao invés de recordarem elementos de sua história que poderiam ser investigados à luz da teoria psicanalítica, tendem a atuá-los (*acted out*) no contexto do dispositivo analítico como se fossem experiências recentes. Na perspectiva de Freud, o que

³ Por se tratar de um exemplo muito citado em psicanálise, seja em discussões sobre o trabalho com crianças ou acerca da pulsão de morte, torna-se desnecessário descrever de que maneira o jogo era efetuado. Cf. Freud, 1920/1996.

estaria em jogo em tais situações não seria uma resistência egoica – sob a influência do princípio do prazer – à vinda à consciência de elementos recalcados que poderiam causar desprazer. O que marca as atuações é uma espécie de busca pela repetição na qual o paciente:

Rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais [pulsionais] que desde então foram reprimidos [recalcados]. (FREUD, 1920/1996, p.31)

O que gera estranhamento ao se deparar com as atuações do paciente, conforme Freud, é o fato de que estas fazem com que o analisando reviva situações penosas, se sinta desprezado como provavelmente fora em suas experiências infantis e assuma uma posição de rejeitado, o que, em última instância, lhe causa sofrimento:

Nenhuma dessas coisas pode ter produzido prazer no passado, e poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas. (FREUD, 1920/1996).

Estas seriam atividades da pulsão que visavam originalmente à satisfação, apesar de só produzirem desprazer. Ainda assim, continuam sendo repetidas. Tornam-se efeitos de uma pressão a tentar de novo, uma *compulsão à repetição*. (FREUD, 1920/1996). Ainda a respeito da transferência, cabe dizer que alguns tipos, nos diz Freud, são compatíveis com o princípio do prazer podendo produzir um prazer para o inconsciente e um desprazer para o pré consciente. Em APP, na medida em que questiona o princípio do prazer, obviamente Freud utiliza como exemplo estas que parecem ser efeitos de uma compulsão à repetição. Compulsão que, aliás, atuaria até mesmo na vida das pessoas ditas normais, não neuróticas.

No entendimento de Freud, fenômenos que as pessoas entendem como efeitos de um destino maligno ou diabólico, sobretudo aqueles nos quais o indivíduo parece se portar de forma passiva diante da fortuna, nada diferem da compulsão à repetição dos neuróticos, já que reproduzem experiências desagradáveis. Freud cita alguns exemplos, tais como o homem cujas amizades sempre findam após uma traição e o amante cujos casos de amor sempre passam pelas mesmas conclusões (FREUD, 1920/1996). Tem-se a impressão de que, nestes

casos, as relações humanas são sempre as mesmas, tendo o mesmo resultado. É a “perpétua recorrência da mesma coisa”:

Se levamos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias de vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer. (FREUD, 1920/1996, p.33).

Diante de tais achados, cabe perguntar qual o estatuto desta compulsão à repetição. Ou melhor, qual a sua serventia? De que se trata este *além* que extrapola o funcionamento do princípio do prazer que até então parecia ser o senhor da atividade psíquica? A partir de tais questionamentos, poderemos continuar trilhando o caminho freudiano que desaguará no conceito de pulsão de morte.

2.2 O samsara de Freud⁴

Como dissemos, caberia a Freud – e a nós em nosso presente trabalho – estabelecer qual a razão de existir da compulsão à repetição, a qual propósito responde ou, no limite, efeito de que ela é.

A esse respeito, Freud dirá que a compulsão à repetição é uma característica própria à pulsão. A pulsão, no dizer de Freud, parece ser “um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas” (FREUD, 1920/1996, p.47). A expressão “restaurar um estado anterior de coisas”, aliás, é repetida inúmeras vezes ao longo de APP. Diferentemente da visão corriqueira que poderia ter da pulsão até então – dominada por um impulso à mudança – o que se percebe é “a expressão da natureza conservadora da substância viva” (FREUD, 1920/1996), a própria expressão da inércia inerente à vida.

Dando prosseguimento a seu raciocínio, Freud revela que o estado de coisas a ser buscado pela pulsão é aquele que estaria na origem de toda substância viva, a saber, o

⁴ De uma maneira bem simples, *Samsara* na cultura oriental diz respeito ao processo incessante de reencarnações e renascimentos. Além de marcar o quanto o caráter dualista nasce e renasce no pensamento freudiano, em nosso texto, tal palavra serve para contrapor outra, também de origem sânscrita, que tem lugar importante nos textos freudianos pós-1920: *Nirvana*= libertação.

inorgânico. Este, ele diz, “deve ser o estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça para retornar através de tortuosos caminhos” (FREUD, 1920/1996, p. 49). Sendo assim, se tudo o que é vivo morre à sua maneira, Freud (1920/1996), aos moldes de Schopenhauer conclui que “o objetivo de toda a vida é a morte” (p. 49).

Neste ponto, cabe separar duas ideias que se complementam:

- a) o entendimento de que a busca da morte se dá através de caminhos tortuosos;
- b) o fato de que tudo que é vivo morre à sua maneira.

De ambas, podemos anunciar as conclusões seguintes que farão Freud adaptar/ revisar o seu antigo dualismo pulsional, vertendo a oposição pulsões do eu x pulsões sexuais em pulsões de vida x pulsões de morte. Afinal, se o que marca as pulsões é a sua natureza conservadora, tendo como *telos* o retorno ao inorgânico, cabe distinguir aquelas que buscam garantir tal meta a qualquer custo – as pulsões de morte – daquelas que buscam atingí-la de uma forma adequada ao modo de funcionar da própria substância viva – as pulsões de vida.

Nesta perspectiva, as pulsões de vida (incluindo aqui as pulsões sexuais, as de autoconservação...) buscam preservar a vida por mais tempo, digamos, em condições adequadas que garantam a manutenção da substância viva e, conseqüentemente, a sua morte. Enquanto as pulsões de morte querem simplificar, extinguir a tensão/ excitação da forma mais rápida, as pulsões de vida complexificam a vida, o que a preserva (FREUD, 1923/1996). O objetivo das pulsões de vida – Eros – é unir, estabelecer unidades cada vez maiores (FREUD, 1940/1996).

A pulsão de morte, como dissemos, pertence ao grupo pulsional “que se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível” (FREUD, 1920/1996, p. 51). De posse de tal intuito, não busca unir, estabelecer; é disruptiva, quer desligar, desconectar. Visa conduzir a vida à quietude a qualquer preço. Daí desfaz conexões, destrói coisas. (FREUD, 1920/1940). A pulsão de morte, diz Freud em diferentes textos (1923/1996, 1930/2010, 1940/1996), é silenciosa, muda. O chamado à vida está no plano de Eros. O que expressa as tendências da pulsão de morte é o próprio *principio do Nirvana*, um esforço de remover toda a tensão interna oriunda dos estímulos (FREUD, 1920/1996). O

barulho da pulsão de morte será ouvido apenas quando ela for desviada para o mundo externo, sob a forma de um impulso de destruição (FREUD, 1923/1996, 1930/2010; 1940/1996), ponto que retomaremos adiante.

A vida seria, então, resultado deste eterno conflito entre Eros e Tânatos. Se o dualismo pulsional freudiano é incontornável, como diz Giacóia Jr (2012), em sua versão a partir de APP, ele será marcado por uma batalha intensa pela vida e pela morte, inda que ambas as pulsões busquem, com estratégias diferentes, o mesmo objetivo. Este é o Samsara de Freud.

Ainda nos cabe acrescentar um elemento de suma importância na construção do debate freudiano em APP: a função de ligação exercida pela compulsão à repetição.

No capítulo IV de APP, Freud – em meio à sua forçada especulação, como ele mesmo nomeia – apresenta a hipótese de que em uma vesícula viva se desenvolveu uma espécie de um escudo protetor destinado a protegê-la, evitando que excitações vindas de fora a invadissem. Como diz Freud, se estivesse desprotegida em meio ao mundo externo, naturalmente tal pequeno fragmento vivo seria morto dadas as estimulações emanadas por poderosas energias. (FREUD, 1920). Parece claro que tal imagem da vesícula só tem razão de existir na medida em que sugere uma possível explicação acerca do modo pelo qual o aparelho psíquico se defende do mundo externo, afinal, como apontado por Belo (2012), o que Freud faz é criar uma metáfora na qual compara o aparelho psíquico a um organismo vivo “cuja superfície, vai se calcinando de forma a proteger as outras camadas de percepção de um possível excesso de estímulos externos” (BELO, 2012, p.12). Apesar da existência de tal escudo, Freud sugere que excitações poderosas poderiam atravessá-lo, movimento que geraria uma espécie de inundação de estímulos, produzindo o trauma psíquico. O que caracteriza o trauma, então, é o excesso de excitação, resultado de falhas do sistema de proteção, fato que exigiria o colocar em ação de todas as medidas defensivas disponíveis. Dessa forma, nos diz Freud:

O princípio do prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, **o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam e de vinculá-las no sentido psíquico**, a fim de que delas se possa então desvencilhar. (FREUD, 1920/1996, p.40, grifos nossos).

Dominar as quantidades de estímulo significa verter a energia que flui livremente em energia vinculada psiquicamente. O excesso de excitação no aparelho – desprazer – faz com que estímulos oriundos de outros sistemas sejam dispensados produzindo contrainvestimentos no intuito de fazer ligar tal energia desvinculada. No entanto, tal operação teria como resultado o empobrecimento destes tais sistemas, produzindo paralisação ou redução de algumas funções psíquicas (FREUD, 1920).

Freud questiona a suposta dominância do princípio do prazer de outro ponto de vista, tomando como referência os chamados “sonhos traumáticos”. Em seu entendimento, estes não teriam como função a realização do desejo, e sim, a sujeição psíquica de impressões traumáticas. Os sonhos traumáticos, neste sentido, são regidos pela compulsão à repetição e não pelo princípio do prazer, estando *além* deste:

Podemos antes supor que aqui os sonhos estão ajudando a executar outra tarefa, a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio do prazer possa mesmo começar. Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constitui a causa da neurose traumática. (FREUD, 1920/1996, p.42)

Como afirma Freud, trata-se de uma função mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar sofrimento, bem como a garantia de um sono tranquilo (FREUD, 1920/1996). O sonho traumático faz com que voltemos à cena, à situação traumática, diversas vezes. Afinal,

enquanto as representações permanecessem “indomadas”, não seria possível evitar sua ocupação, mesmo que esta levasse ao desprazer; apenas após terem suas excitações ligadas, essa ocupação poderia ser inibida, e a ligação só seria possível após repetidas tentativas. (CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p.220).

Ao discutirem o tema da compulsão à repetição, Caropreso e Simanke (2006) comentam que a ideia do trauma exposta em APP retoma a discussão freudiana sobre a vivência da dor apresentada no Projeto, de 1895. Além disso, os autores apontam que é a consideração sobre o trauma que permite a Freud discutir a natureza da compulsão à repetição ou, como dissemos aqui neste trabalho, apresentar a sua razão de existir. Antes do princípio do prazer vigorar, seria necessário transpor a excitação livre para um estado ligado, submetendo-a a outro regime. Neste sentido, “os processos regidos pela compulsão à

repetição teriam, assim, a função de ligar a excitação; só após essa ligação, o princípio do prazer poderia passar a vigorar.” (CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p.220).

2.3 O caráter heurístico de um conceito

Conforme aponta o filósofo Giacoia Junior (2012), a proposição de uma pulsão de morte foi uma exigência posta a Freud como garantia de manter a sustentação do dualismo característico de sua construção teórica. Tal exigência se deu em virtude da descoberta – ou melhor, da constatação – do narcisismo primário. A partir de 1915, já não faria mais sentido utilizar o dualismo “pulsões do Eu/pulsões sexuais”. A partir do texto sobre o narcisismo, Freud não só compreende que o “eu” também pode ser objeto de investimento libidinal, mas, principalmente, que tal instância é o reservatório da libido (GIACOIA JR, 2012). Assim, além de ser o reservatório da libido, o eu há de ser objeto. Tal entendimento não permitiria manter a antiga oposição, na medida em que o eu também se tornara o âmbito da pulsão sexual.

Na visão de Giacoia, Freud construiu em sua metapsicologia uma “superestrutura teórica para investigações com embasamento empírico” (GIACOIA JR, 2012, p. 124). Mantendo essa linha de raciocínio, o filósofo aponta que Freud sustenta a ontologia psicanalítica a partir da dualidade pulsional. Daí, depreendemos que o dualismo pulsional caracteriza o funcionamento psíquico.

Assim, para dar voz a sua especulação – a pulsão de morte –, Freud lançará mão de uma série de recursos, se valendo principalmente de analogias. Este é o seu programa epistemológico na visão de Giacoia Jr (2012). Através das analogias ele tentará encontrar um ponto de âncora que explicaria todas as derivações descritas em APP, seja recorrendo ao mito ou ao saber do campo da Biologia.

Provavelmente, a principal tarefa posta diante de Freud é a de sustentar a tese de que a morte se sobrepõe à vida, tese que, aliás, seria auxiliar na manutenção do princípio do Nirvana como um *optimum* teórico (GIACOIA JR, 2012), já que não parece possível existir vida se ocorrer a redução completa de todas as excitações.

Uma vez respaldadas tais consequências, torna-se imperioso, então, procurar uma indispensável legitimação junto à biologia para afirmar o *caráter ontologicamente originário* da morte em relação à vida, uma vez que o elemento pulsional seria o signo de uma inscrição da tendência à morte no coração do vivo. Ou, numa formulação ainda mais radical, faz-se necessário recorrer à biologia para garantir a plausibilidade da tese concernente à *prioridade ontológica* da morte sobre a vida (...) cada pulsão seria uma permissão negativa por parte da biologia, que consistiria em constatar sua não inviabilidade nos marcos teóricos da ciência biológica. (GIACOIA JR, 2012, p. 128, grifos do autor).

A passagem de uma analogia biológica para uma metafísica – já que a metapsicologia freudiana encerra uma metafísica propriamente dita no entendimento de Giacoia Jr –, em dado momento do texto freudiano, retoma elementos oriundos da teoria da libido ao tomar como referência: a) a relação entre libido e o objeto de tal energia; b) a relação citológica entre células somáticas de tipo diverso. Trata-se de:

Uma analogia reconhecida entre o dualismo das pulsões e a economia libidinal das células orgânicas permite o estabelecimento de um novo paralelo, desta vez explorando a *dynamis* das pulsões sexuais ou de vida – cuja atividade tem como meta a ligação em unidades sempre maiores (GIACOIA JR, 2012, p. 131).

Como Giacoia Jr insiste, o programa epistemológico que Freud utiliza em APP traz importantes ganhos heurísticos. O autor cita, por exemplo, a estratégia freudiana ao lidar com os achados de Weismann⁵ que, aparentemente, poderiam jogar por terra, como costumamos dizer de forma corriqueira, a hipótese de tal tendência à morte. Freud chega a questionar a consistência de tal investigação. Isto porque nas pesquisas de Weismann foram utilizadas formas elementares de vida. Conforme Giacoia, tal “organização incipiente e primitiva poderia ocultar condições e processos que só adquiririam visibilidade em formas morfológicas” (GIACOIA JR, 2012, p. 129).

Foge ao escopo de nosso trabalho adentrar os meandros do texto freudiano conforme faz o filósofo que aqui citamos. No entanto, os pontos abordados por Giacoia Jr (2012) revelam o esforço de Freud no sentido de situar sua especulação no seio do pensamento científico e, sobretudo, garantir certa plausibilidade às propostas por ele apresentadas. Sendo assim, a utilização do Mito de Aristófanes aos moldes do Banquete de Platão cumpre, em certa medida, a mesma função que as analogias de cunho biológico. Afinal, o recurso ao mito,

⁵ O debate freudiano aqui citado se encontra no capítulo VI de APP.

também responde de um modo peculiar, poético por sinal, o porquê de um suposto retorno a um estado anterior de coisas. Neste caso, a busca pela parte perdida de si, o amor necessário.

No caso de *Além do Princípio do Prazer*, a narrativa platônica psicanaliticamente interpretada (...), cumpre precisamente a mesma função exigida pelo programa de pesquisa: tornar plausível a tese do caráter regressivo também dos impulsos eróticos, lançando um raio de luz sobre o estado anterior de desenvolvimento do organismo que a pressão por eles compulsivamente exercida visaria restaurar: a saber, o hermafroditismo originário, uma condição da vida orgânica inequivocadamente mais primitiva do que o organismo sexualmente diferenciado (GIACÓIA JR, 2012, p. 141).

Retomando, para finalizar, a pulsão de morte: talvez, conforme propusera Renato Mezan (citado por Giacóia Jr, 2012), o que Freud buscara era um exemplo de como ela atua, mas, não necessariamente a confirmação de sua existência. Neste sentido, para sustentá-la como um conceito plausível, temos de levar em consideração o seu caráter heurístico na tentativa de explicar alguns fenômenos que, até então, questionavam o arsenal teórico-conceitual construído pela disciplina psicanalítica.

Após abordar o pensamento freudiano, apresentaremos, também de forma resumida, o pensamento de Laplanche e seu conceito de pulsão (sexual) de morte.

3 LAPLANCHE E A PULSÃO SEXUAL DE MORTE

Ao longo de sua obra, Jean Laplanche ao mesmo tempo em que questiona a manutenção do conceito de pulsão de morte – “se é que este é um conceito”, duvida Laplanche em um de seus trabalhos (1985) – parece querer sustentá-lo e articulá-lo no contexto de sua própria construção teórica. Em certa medida, Laplanche compreende que a natureza da pulsão de morte – desligada, disruptiva, desagregadora – exposta por Freud permite, por assim dizer, dar um lugar devido àquilo que de fato tem um caráter demoníaco no ser humano: a sexualidade. Como discutiremos no presente capítulo, o esforço feito pelo autor vislumbra situar a hipótese da pulsão de morte no campo da sexualidade e, em última instância, no seio da chamada Teoria de Sedução Generalizada (TSG). Caminhemos, então, nesta linha de raciocínio.

De saída, cabe localizar a posição de Laplanche em relação à reflexão freudiana exposta em APP. Sobretudo no texto “Porque a pulsão de morte?”, capítulo que compõe o livro *Vida e Morte em Psicanálise* (1985), o autor francês questiona a organização dos argumentos freudianos em defesa da noção de pulsão de morte. Do alto de sua compulsão (*zwang*) em manter a pulsão de morte, Freud se utiliza de recursos *ad hoc* para tentar sustentar as hipóteses apresentadas. Laplanche cita, por exemplo, a passagem em que Freud discute a imortalidade dos protistas. Nesta, a linha de raciocínio terminaria mostrando as fragilidades da argumentação – o que invalidaria a tese de uma tendência interna à morte –, porém, Freud a ultrapassa sem dela retirar maiores consequências.⁶ Além de apresentar um caráter descontínuo em relação às elaborações que vinha produzindo desde 1915, no entendimento de Laplanche, a ideia da pulsão de morte não se integrou ao arsenal teórico psicanalítico no que diz respeito à prática clínica. O autor cita como exemplo a tentativa freudiana de reexaminar a teoria das neuroses em “*Inibição, sintoma e ansiedade*”. Neste texto, diz Laplanche, a pulsão de morte surge sob a forma de ódio, não sendo integrada ao conflito edípiano como elemento de autodestruição. O novo dualismo pulsional é mal integrado à teoria do conflito, sendo a pulsão de morte acionada apenas como um último recurso explicativo (LAPLANCHE, 1985).

Há na ideia exposta por Freud em APP tendências que parecem ser irreconciliáveis. Salta aos olhos de Laplanche uma contradição que faz menção ao ponto de vista econômico.

⁶ Estas considerações já foram discutidas no capítulo anterior, a partir das ideias do filósofo Giacóia Júnior (2012).

Afinal, no texto de 1920, Freud caracteriza como tendência do movimento da pulsão a procura pela “abolição radical de toda tensão, forma suprema do princípio do prazer, e a busca masoquista do desprazer que não pode, logicamente, interpretar-se, senão como aumento de tensão” (LAPLANCHE, 1985, p.111). De fato, são tendências difíceis de conciliar, constituindo um paradoxo.

Não é nossa intenção esmiuçar os pontos de vista expostos por Laplanche no capítulo “Por que a pulsão de morte?”. No entanto, dois aspectos centrais deste trabalho merecem ser destacados à guisa de introdução, sendo que retomaremos um deles ao final do presente capítulo: a) a discussão acerca da *prioridade do zero sobre a constância*; b) a construção acerca da ligação-desligamento.

- a) A pulsão de morte materializa a prioridade do zero sobre a constância: apesar da contradição do ponto de vista econômico presente em APP, o princípio do Nirvana, na medida em que rege uma busca desenfreada pela descarga, traz à tona ideias freudianas debatidas desde o Projeto de 1895. No cerne do princípio do Nirvana apresentado em 1920, encontramos as noções de energia livre e do processo primário. O que está em jogo aqui é a circulação livre do afeto.

O primado absoluto do zero – à pulsão de morte, diz Laplanche, podemos aproximar um princípio de entropia energético – é, no fim das contas, a forma mais radical do princípio do prazer.

Laplanche afirmará que a tendência ao zero só terá sentido se a levamos em conta no nível das representações. É em relação a elas, seja no sonho ou na fantasia, que a livre circulação do afeto poderá ser objeto passível de intervenção psicanalítica. Curiosamente, conforme Laplanche, Freud tenta sustentar a pulsão de morte a partir da ordem vital, na medida em que sugere uma tendência interna de retorno ao inorgânico. Por outro lado, a compulsão à repetição – exemplo da tendência conservadora – é extraída da transferência, “fenômeno psicanalítico por excelência” (LAPLANCHE, 1985, p. 125).

Quanto ao princípio de constância: há de ser remetido ao surgimento da instância egóica. Refere-se ao processo secundário e à energia ligada. O ego visa manter regulada, retida e moderada a circulação do livre desejo inconsciente. Aliás, como veremos ao longo deste trabalho, este autor entende que *a morte visada pela*

pulsão de morte é a morte do ego. Em tese, há no movimento dessa pulsão um objetivo de atacar todas as ligações feitas pelo ego, fato que produziria uma espécie de morte psíquica.

- b) Ligação e desligamento: Laplanche comenta no texto citado que a sexualidade para a psicanálise era algo hostil à ligação. A ideia de sexualidade apresentada nos “*Três ensaios...*” é marcada pela perversão do instinto e pela parcialidade da pulsão. A sexualidade infantil é polimorfa e não segue, nem visa, por natureza, nenhum objeto ou objetivo específico⁷.

Porém, a partir da descoberta do narcisismo e dos trabalhos pós 1915, encontraremos em Eros uma *forma ligada e ligadora* da sexualidade (LAPLANCHE, 1988).

Eros “é aquilo que procura manter, preservar e mesmo aumentar a coesão e a tendência sintética tanto do ser vivo, quanto da vida psíquica” (LAPLANCHE, 1988, p.126). Laplanche dirá que esta força divina muito diverge da sexualidade. Assim, a força de desligamento ficaria a cargo da pulsão de morte. No limite, a pulsão de morte é a pulsão sexual de morte, ou melhor, pulsão de desligamento sexual (LAPLANCHE, 1997).

Antes de tentarmos apresentar outros aspectos que caracterizam a pulsão sexual de morte, cabe discutir o porquê de a pulsão ser vista, por Laplanche, como pulsão sexual.

⁷No capítulo “A ordem vital e a gênese da sexualidade humana”, texto que também compõe o livro “*Vida e Morte em Psicanálise*”(1985), Laplanche discute de forma mais detalhada a noção de sexualidade apresentada por Freud nos “*Três Ensaio*”.

3.1 A pulsão é sexual

Em *A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual* (1988), Laplanche relata ser necessário opor a autoconservação à sexualidade. No tocante à autoconservação, diz que esta se materializa através de funções que buscam a homeostase do organismo e não tomam partido no conflito psíquico. A autoconservação não pode ser recalcada, sendo representada no conflito psíquico pelo ego. Dessa maneira, a nomenclatura “pulsões do ego” não parece ser correta na visão deste autor. A pulsão propriamente dita só diz respeito à sexualidade (LAPLANCHE, 1988).

A proposta de Laplanche é tornar fluida a confusa ideia, de seu ponto de vista, que compreende a pulsão como algo que se encontra “entre o psíquico e o somático”, expressão, aliás, tão compartilhada nos estudos freudianos. Laplanche diz que, mesmo que a pulsão nasça a partir de uma espécie de articulação entre autoconservação e o sexual – imaginamos que ele se refira aqui a ideia de apoio –, não devemos compreendê-la como um ser, propriamente, limite. Assim, mesmo que o biológico e o autoconservativo se encontrem no conflito psíquico, a pulsão não há de ser vista como uma força biológica. A força, a exigência de trabalho produzida pela pulsão, é resultado, nessa perspectiva, da pressão exercida pelo id – corpo estranho interno – sobre o ego (LAPLANCHE, 1988).

Tal concepção exposta se torna plausível apenas se for articulada ao entendimento do autor citado no tocante às noções de objeto e fonte da pulsão. Sendo assim, antes de prosseguirmos, cabe situar as construções de Laplanche naquilo que divergem do pensamento freudiano. A exposição que aqui segue baseia-se no texto *A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência* (1988b).

Em Laplanche, conforme citado, temos uma compreensão diferente daquela exposta por Freud. Se em Freud, a pulsão é “o representante psíquico de estimulações que provêm do próprio corpo”, tendo potencialmente uma quantidade enorme de objetos de satisfação – desde que proporcionem o apaziguamento da tensão criada –, em Laplanche nos deparamos com a noção de objeto-fonte da pulsão, o que significaria dizer que o objeto da pulsão e a sua fonte são idênticos.

Em linhas gerais, sua argumentação parte da ideia de que na relação assimétrica, estrutural, por sinal, entre adultos e crianças – cujo paradigma em nossa cultura, até então,

continua sendo a relação mãe-bebê – surgiriam elementos dotados de sexualidade, inconscientes para os adultos e impossíveis de serem captados, em sua essência e totalidade, pelos infantes. O mundo adulto, segundo Laplanche, é um mundo de significado e comunicação, sendo que, de todo lado, surgem mensagens que escapam à compreensão das crianças. Estas não são necessariamente verbais, pois, qualquer gesto, qualquer mímica, em seu entendimento, pode veicular mensagens. Por isso, Laplanche as nomeia como “mensagens enigmáticas”. O caráter enigmático de tais mensagens não se justifica somente pelo fato de que a criança não possui um código capaz de decifrá-las. Conforme o autor, “trata-se do fato de que o mundo adulto é inteiramente infiltrado de significados inconscientes e sexuais, dos quais o *próprio adulto* não conhece o código.” (LAPLANCHE, 1988b, p.79, grifos do autor). Além disso, a criança ainda não tem a capacidade de responder tanto do ponto de vista emocional quanto do fisiológico às mensagens sexualizadas (LAPLANCHE, 1988b).

Para justificar a ideia apresentada, Laplanche utiliza como exemplo a relação do bebê com o seio da mãe. Por se tratar de uma zona erógena que assume certa importância no corpo da mulher, ao mesmo tempo em que fornece o leite e amamenta o bebê, o seio se apresenta como um seio erótico à criança. “Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando?” é o que se “perguntaria” a criança diante do seio (1988b, p.79). Apesar de estar situado na função de autoconservação, o ato de amamentar, neste sentido, acaba sendo marcado pela sexualidade. O seio, conforme Laplanche, se imporia como uma “ mensagem enigmática carregada de um prazer de si mesmo ignorado e de impossível circunscrição”(LAPLANCHE, 1988b, p.79).

Os gestos de cuidado dos adultos são, dessa forma, carregados de mensagens sexuais inconscientes para eles mesmos e, ainda, impossíveis de tradução para as crianças. Padilha Netto e Cardoso (2012) comentam, a partir da TSG de Laplanche, que a origem da pulsão se encontra na defasagem entre o universo sexual adulto e a integração deste por parte da criança. Tal disparidade entre ambos, dizem os autores, torna-se ponto de partida para o recalçamento originário, recurso defensivo que dividirá o psiquismo dando origem ao inconsciente (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2012). Retomando o texto laplancheano (1988b), cabe apontar de que maneira ocorre o recalçamento originário.

Para Laplanche, baseado na teoria freudiana do *après-coup*, o primeiro tempo do recalçamento é marcado pela passividade. Nesta etapa, ocorre a implantação das mensagens enigmáticas, uma espécie de inscrição, sem que haja o recalçamento em si. É um período de

espera, ou do pré-sexual no entendimento freudiano. No segundo tempo, os significantes seriam reatualizados, reativados, tornando-se atacantes-internos violentos que obrigariam a criança a buscar meios de simbolização. Conforme Laplanche, o processo que Freud nomeou de teorização sexual infantil é o esforço realizado pela criança no sentido de simbolizar, fazer ligar a excitação gerada pelas mensagens enigmáticas. Tal operação só teria um sucesso parcial, por assim dizer, sendo necessário “o recalçamento de um resto incontrolável [estratégia defensiva, como já dissemos] impossível de se circunscrever” (LAPLANCHE, 1988b, p.80). Esses restos, representações de coisa, tornam-se representações-coisas fixadas no inconsciente. Em resumo, o inconsciente é, em ultima instancia, os restos, aquilo que sobrou do trabalho de tradução – processo de metabolização – realizado pela criança.

Aquilo que conhecemos como id, segundo Laplanche, é um complexo, emaranhado de representações-coisa. Estas formam, neste sentido, um conjunto de fantasias que podemos chamar de originárias. Dessa maneira, são elas que movem e exercem força sobre o psiquismo. A pulsão, então, não será vista como um conceito-limite, e sim, a força exercida pelas representações-coisa recalçadas. As representações-coisa são os objetos-fonte da pulsão, aqueles que dão dinâmica ao psiquismo.

São fonte porque despertam, disparam, dão origem(fantasias originárias) mas, também são objeto na medida que todo agir humano, em tese, vislumbraria lhe dar significado⁸. É como se a pulsão brotasse *ad infinitum* de tais fantasias, de tais significantes, compulsivamente. Verdadeiro trabalho de Sísifo.

Neste sentido, a pulsão será, sempre, pulsão sexual. Como dirá Laplanche (1988):

A pulsão é pulsão sexual, no sentido mais amplo (...) Somente a sexualidade é objeto do recalçamento, por razões, frequentemente estudadas por Freud, e cujo essencial se resume no distanciamento entre o universo sexual adulto que faz chegar suas mensagens à criança, e as capacidades de ligação e de simbolização do Ego infantil. O movimento que constitui a pulsão sexual é exatamente aquele que diferencia o aparelho psíquico: é o recalçamento originário. (LAPLANCHE, 1988, p. 101)

⁸ Laplanche (1988b) comenta que as representações-coisa – quase-coisas, dotadas de materialidade –ficariam armazenadas no inconsciente, sendo que parte delas seriam incapazes de ser trazidas de volta à consciência . O processo de análise, diz o autor, faz constatar que uma parte do inconsciente jamais será lembrada, e sim, “encerrada numa rede de construções que tenta aproximá-la, mas que não atinge a própria casa, a representação-coisa mesma” (p.74). Talvez, tenhamos de levar este aspecto em consideração: já que o objeto da pulsão, segundo Freud, é aquele que possibilita o apaziguamento da tensão, assumir a representação-coisa como objeto-fonte significa supor que ao mesmo tempo em que ela dispara, tensiona, quando ressignificada, ligada a uma rede de construções, produz certo apaziguamento.

O ponto de partida é a “sedução originária”. Não se trata de uma espécie de manobra sexual realizada pelo adulto, e sim, algo inerente, como já dissemos, à relação assimétrica estabelecida entre o adulto e a criança. Há sentido, há desejo, mas, falta à criança a possibilidade de interpretação. Assim, “o esforço para ligar o traumatismo que acompanha a sedução originária leva ao recalçamento destes primeiros significantes e de seus derivados metonímicos” (1988, p.101).

Antes de continuarmos a discussão acerca da pulsão sexual de morte, o que naturalmente exigirá diferenciá-la da pulsão sexual de vida, retomemos o aspecto do objeto-fonte.

Laplanche comenta que os objetos-fontes de ambas as pulsões são os mesmos, porém com naturezas distintas. Cabe-nos o exercício de supor que os objetos-fonte são os mesmos se tomá-los como restos de mensagens do outro. Daí, depreende-se que o mesmo objeto, em certo sentido, se dividiria (LAPLANCHE, 1988 b):

- a) na pulsão sexual de morte, assume um aspecto reduzido, unilateral, parcelar. São quase que reduzidos à índices de excitação;
- b) na pulsão sexual de vida, o objeto tem aspectos unificados. A tendência à unificação e à sintetização estão contidas já na apresentação do objeto-fonte.

Fica o entendimento de que as representações-coisa encerram um conjunto de fantasias, lembranças, memórias, imaginações (LAPLANCHE, 1988b), sendo que, dentre elas, algumas trariam em si uma tendência à união. As descarnadas, por outro lado, só impulsionariam no sentido da redução extrema da tensão, visando à satisfação total. Ambas exerceriam força sobre o Ego, sendo que estas sem corpo tornariam, no fim das contas, o que de fato faz com que a pulsão realmente pulse. Em dado momento, Laplanche parece assumir a dificuldade de sustentar tal divisão e comenta que esta merece ser questionada (LAPLANCHE, 1992). Porém, nos deixa pistas:

Fonte? Com certeza. Objeto? Desde que se distinga objeto total e objeto parcial e concordando com que o objeto parcial mal é um objeto, mais próximo do índice do que do objeto “objetal”. De forma que, em certos momentos, fomos levados a opor os dois tipos de pulsão como “pulsão de objeto” e “pulsão de índice”. Mas, além disso, é preciso acrescentar também que é o *mesmo* objeto-fonte que é fonte simultaneamente de ambos, fonte tanto dos aspectos mortíferos quanto dos aspectos sintetizantes da pulsão, segundo o aspecto – fragmentado e parcial, ou total – de que se reveste. O mesmo objeto-fonte é simultaneamente índice e objeto, objeto parcial e total. (LAPLANCHE, 1992, p.157, grifo do autor).

Em nosso entendimento, apesar da pista deixada pelo autor, a ideia de o mesmo objeto-fonte ser fonte de ambas as pulsões sexuais continua dotada de certa obscuridade. Talvez, para melhor compreendermos esta ideia, caiba levar em conta o fato de que o adulto que cuida da criança, apresenta-se, ele mesmo, clivado em seus conteúdos psíquicos:

- a) por um lado, ele vê a criança como um Eu, como uma totalidade a ser amada, cujo corpo deve ser respeitado em sua integridade. Dessa forma, exerce sobre a criança um amor sublimatório que inibe suas pulsões sexuais parciais e, portanto, inibe o exercício de um gozo pulsional fragmentador sobre o corpo da criança;
- b) por outro lado, o adulto não consegue se impedir totalmente de veicular, em seus cuidados à criança, fantasias, desejos, enfim, excitações pulsionais das quais ele próprio não é o senhor na medida em que advém de seu inconsciente, de “um outro de si mesmo”.

Haveria, então, por assim dizer, um paralelo entre a clivagem do objeto-fonte da pulsão e a clivagem do adulto sedutor do qual provém a mensagem que irá se implantar na criança gerando excitação. (cf. LAPLANCHE, 1981, p.359-360).

3.2 Pulsão sexual de vida e pulsão sexual de morte

Após assumirmos, com Laplanche, que toda pulsão é pulsão sexual, nos cabe, então, explicitar as diferenças entre ambas, caminho já iniciado nas linhas acima quando discutimos a natureza do objeto-fonte.

Laplanche insistirá em seus trabalhos (1997, 1992, 1988) que a descoberta freudiana após 1915 seria, de fato, a pulsão sexual de vida, ou Eros. Isto porque é a partir do período citado que Freud apresentará a sexualidade de uma forma totalizante, materializada, por assim dizer, no amor. Eros, dirá Laplanche, no fim das contas fará desaparecer o caráter “erótico” propriamente dito, sendo associado à ideia de um amor de objeto total ou amor do eu total. O termo pulsão de vida, continua o autor, torna-se uma “invenção extraordinária para designar, dessexualizando-a, a sexualidade” (LAPLANCHE, 1997, p.88).

Ao retomar passagens de APP, Laplanche afirma que Freud associa o termo pulsão de vida – ou Eros – a uma espécie de conversão da pulsão sexual voltada para o objeto ou, ainda, para o próprio ego, sendo este último aspecto, como discutimos no capítulo anterior, efeito da introdução do narcisismo.

A contribuição de Freud nos anos 1915 não é a pulsão de morte, é a pulsão de vida, ou seja, a sexualidade ligada a um objeto total, aquela que se torna amor, quer seja amor pelo outro, quer seja, de maneira correlativa e fundamental, amor por si mesmo, isto é, narcisismo. É a descoberta do amor por um objeto total (o outro total, ou si mesmo como ego, como objeto total que é a novidade. (LAPLANCHE, 1992, pp. 154-155).

De uma maneira geral, podemos caracterizar as pulsões sexuais de vida, como pulsões que funcionam sob o regime do princípio de constância, a saber, princípio de energia ligada (LAPLANCHE, 1988). Tais pulsões, dirá Laplanche, são conformes ao Ego, o representante do organismo, digamos, organizador. Em última instância, as pulsões de vida buscam a síntese, o estabelecimento de vínculos, a manutenção ou a constituição de unidades. (LAPLANCHE, 1988).

Curiosamente, nos textos de Laplanche, tem-se o entendimento de que foi justamente a proposição acerca da pulsão de vida em Freud que possibilitou, em certo sentido, à psicanálise retomar os aspectos que, em sua visão, caracterizam a sexualidade. A proposição da pulsão de vida obrigara Freud “a reafirmar o que havia de bem menos idílico, de muito menos narcísico também, na sexualidade desde o seu começo (...) seus aspectos mais desestruturantes, mais fragmentados e fragmentadores” (LAPLANCHE, 1992, p.155).

Na visão laplancheana, sob o termo “pulsão de morte”, percebe-se aquilo que, desde o início, foi marcado pela impossibilidade de conciliação, a dimensão oposta ao ego que

caracteriza a sexualidade. A pulsão sexual de morte, dirá Laplanche (1988, 1997), é o elemento que reafirma o ataque interno, característico da pulsão, pelo corpo estranho introduzido no psiquismo. Para Laplanche, este é o sentido profundo de autoagressão que podemos apresentar como pulsão de morte.

A pulsão de morte só pode ser o ataque interno por objetos ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o Ego. Mas, a constituição destes objetos-fontes, atacantes internos, é ela própria resultado de um processo de introjeção primária que teve sua origem no que chamamos a situação originária de sedução. (LAPLANCHE, 1988, p. 104-155).

Aceitar a ideia de uma pulsão sexual de morte significa retomar o estatuto demoníaco da sexualidade. Significa compreendê-la em sua dimensão desligada, como pulsão propriamente dita, mudando de objeto, martelando o tempo todo, por assim dizer, em busca da satisfação. A sexualidade, ou a pulsão sexual de morte, visa buscar a satisfação da forma mais depressa possível (já vimos tal ponto em Freud). Seu único objetivo é esgotar completamente o desejo pela via mais curta (LAPLANCHE, 1988). Laplanche dirá que, neste caso, não há apaziguamento via um objeto total, e sim, a busca desenfreada pelo aniquilamento do mesmo. Este aspecto demoníaco estaria submetido ao processo primário e à compulsão à repetição. (LAPLANCHE, 1988).

Laplanche comenta que Freud nunca chegou a admitir uma energia específica para a pulsão de morte. Dessa maneira, apesar da oposição apontada até aqui, ambas estão situadas na base de uma energia libidinal comum, o que gera o entendimento de que haveria variações, passagens possíveis, formas intermediárias entre o processo primário (livre) e o processo secundário (ligado). Neste sentido, deveríamos falar em uma espécie de série complementar e não necessariamente em uma oposição. Tal série, segundo Laplanche, se estenderia desde o id, cujo destino é a fragmentação absoluta, até processos articulados pelo ego ou pelo objeto.

Talvez, seja o caráter silencioso da pulsão de morte – qualificação dada por Freud – o fator que nos dificulte caracterizar com mais firmeza ambas as pulsões. Há ainda o fato de que, em última instância, na realização da vida em ato – inclusive na prática sexual –, elas atuariam em parceria, se seguirmos a lógica do raciocínio freudiano. Ainda assim, mantendo o debate laplancheano, cabe frisar que uma dissemetria, fundamental, irá persistir: “a pulsão de vida tendendo à união entre ela mesma e o princípio de desunião; a pulsão de morte tendendo

à desunião tanto de sua união com a pulsão de vida como da própria pulsão de vida” (1988, p.105).

Mesmo que corramos o risco de transformar este capítulo em um texto repetitivo, faz-se necessário reapresentar um ponto central que anunciamos de início, sobretudo no que diz respeito à prática clínica propriamente dita.

Segundo Laplanche, na prática clínica cotidiana, o conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte se materializa como um conflito entre processos de ligação e processos de desligamento. Não seria plausível, diante de tal embate, tomar partido a favor da ligação ou, por outro lado, resistir a esta com a justificativa de que ela estaria do lado da vida biológica. Como diz Laplanche, “o extremo da ligação é também o extremo da imobilização” (1992, p. 157). O psiquismo poderia morrer tanto por desintegração, esfacelamento, quanto pela rigidez excessiva, excesso de síntese, um tipo de morte que seria causada pelo ego. (LAPLANCHE, 1992).

Diríamos, com Laplanche, que “tem que se viver”. Anunciar a boa morte do ego não parece uma ação recomendável pelo autor (LAPLANCHE, 1985). Antes de ser um mecanismo de adaptação, a essência da atividade egóica é a ligação, já que, para que uma fantasia inconsciente possa tomar corpo será indispensável algum tipo de intervenção por parte do ego. (LAPLANCHE, 1985). O grande ponto, nos parece, é conseguir lidar com as excitações soltas, livres, dando-lhes certo contorno, sem que, necessariamente, a rigidez seja o resultado final.

Ao comentar sobre a tarefa prática do analista, Laplanche (1992) ressalta que este, além de recusar o lugar situado no plano adaptativo – o que implica não dar conselhos, por exemplo –, deverá possibilitar ao analisando um espaço de contenção. Em que pese o “empírico-clinicismo” dos ingleses, dirá Laplanche, é preciso ter em consideração a noção de *holding*. Laplanche constrói uma analogia na qual relaciona o processo de análise ao acelerador de partículas – ciclotron. “Sem um recinto apropriado, o ciclotron se transforma numa bomba H”, ele diz (1992, p.1992). Se a proposta da análise é favorecer o discurso de desligamento, depreende-se que este pode se tornar bastante disruptivo ou desagregador, se acaso não houver um recinto que garanta certa continência (LAPLANCHE, 1992). A analogia com a bomba H diz muito por si só.

No próximo capítulo, revisitando as proposições de Freud e Laplanche, tentaremos discutir acerca do papel realizado pela pulsão de morte, tendo como referência o ponto central de nosso trabalho. Afinal, que entendimento podemos construir sobre a felicidade, se levarmos em conta a suposta existência de uma tendência ao inorgânico? Nosso esforço, a partir de agora, será no sentido de especular a respeito do questionamento acima.

4 A FELICIDADE E A PULSÃO DE MORTE

Parafraseando Freud, cabe dizer que o capítulo que aqui segue é efeito de especulação. Como dissemos, nosso interesse em relação ao tema da felicidade na obra freudiana já fora explorado (FIRMINO, 2010; FIRMINO & KAITEL, 2013). Dentre as questões em aberto, resquícios de nossas investigações, a pergunta acerca dos efeitos da pulsão de morte na concepção de felicidade prevaleceu. Se aceitarmos a ideia freudiana de que há, em cada um de nós, uma espécie de tendência cujo *telos* é o retorno ao inanimado – no final das contas, a morte –, que concepção de felicidade podemos construir?

A tentativa de responder a tal questionamento se apresenta a nós como uma tarefa um tanto quanto difícil, sobretudo por dois motivos:

1) Freud não estabelece uma relação direta entre felicidade – ou infelicidade – e a hipótese da tendência ao inanimado;

2) Optamos por discutir a felicidade, enviesada pela ideia de pulsão de morte, tanto em Freud quanto em Laplanche. Não faria sentido discutir uma noção tão polêmica e controversa sustentada somente nos textos freudianos. Sendo assim, para atingir nosso objetivo, teríamos de colocar em jogo as ideias de outros autores. Laplanche não trata da felicidade e, menos ainda, da relação desta com a pulsão sexual de morte. Diante de tal constatação, como podemos fazer conversar Freud e Laplanche? Ou melhor: que contribuição há de ser pinçada de sua pulsão sexual de morte para reler as concepções freudianas? Parece difícil responder tais perguntas. Sendo assim, “o que segue é especulação”.

De início, retomaremos, em linhas gerais, os pontos centrais da discussão empreendida por Freud sobre a felicidade, principalmente aquelas apresentadas em “*O mal-estar na cultura* (1930/2010). Na sequência, tentaremos relacionar tal discussão ao tema da pulsão de morte em Freud, para, ao final, a partir de Laplanche, buscar outro ponto de vista acerca do tema.

4.1 A infelicidade como efeito de troca

Toda atividade humana visa à felicidade, é o que diz Freud em “O mal-estar na cultura” (1930/2010). Esta é uma missão da qual não queremos, e sequer podemos, nos furtar. Tudo o que pedimos da vida, conforme Freud, é alcançar um viver feliz e neste estado permanecer.

Para Freud, nosso processo de busca pela felicidade é orientado por duas metas distintas, sendo uma marcada pelo caráter negativo e outra pelo aspecto positivo. A meta negativa faz menção à ausência de dor e desprazer; já a meta positiva estaria relacionada a vivências intensamente prazerosas. A felicidade em sentido estrito só pode ser remetida ao segundo tipo citado. Felicidade propriamente dita, então, seria a experimentação de tais vivências marcadas por um prazer intenso (FREUD, 1930/2010).

O pressuposto freudiano reside no entendimento de que todo o propósito, ou melhor, o sentido, da vida está vinculado ao programa do princípio de prazer. É o princípio do prazer quem estabelece a finalidade da vida humana. (FREUD, 1930/2010). Na medida em que compreende tal programa como algo irrealizável, Freud conclui que a felicidade não está nos planos da Criação:

Aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado de felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades represadas em alto grau e, segundo sua natureza, é possível apenas como um fenômeno episódico. Toda permanência de uma situação anelada pelo princípio do prazer fornece apenas uma sensação tépida de bem-estar; somos feitos de tal modo que apenas podemos gozar intensamente o contraste e somente muito pouco o seu estado. (FREUD, 1930/2010, p.63).

No entendimento de Freud, estamos mais acostumados a experimentar a infelicidade. Isto devido ao fato de que o sofrimento – causado pela decadência do corpo, pela ameaça das forças da natureza e, sobretudo, pelo relacionamento com os outros (FREUD, 1930/2010) – se mostra sempre disponível, ao contrário da permanência em um estado de felicidade. Dada a existência do sofrimento, a meta de buscar prazer tende a ser deixada de lado. Estaria disponível para cada um de nós uma espécie de felicidade menor, por assim dizer. A nossa busca seria limitada; reivindicamos poucos em relação à felicidade. O princípio do prazer,

dirá Freud, “sob a influência do mundo externo, se tornou no mais modesto princípio da realidade” (1930/2010, p.64). O homem tende a se considerar feliz porque tem o entendimento de que conseguiu escapar da infelicidade e resistir ao sofrimento (FREUD, 1930/2010).

Ao longo do tempo, diz Freud, diversas escolas de sabedoria de vida orientaram os indivíduos acerca da forma de se obter o prazer. A experiência humana torna atraente a ideia de que a melhor forma de conduzir a vida é aquela que tem na satisfação de todas as nossas necessidades a principal meta. No entanto, “isso significa antepor o gozo ante à cautela, algo que recebe seu castigo após breve exercício”.(FREUD, 1930/2010).

De uma maneira geral, Freud defenderá em “O mal-estar...” a ideia de que, na medida em que temos de nos submeter a um processo de restrição à satisfação, uma espécie de limitação – ou renúncia – pulsional, tanto no que diz respeito à sexualidade quanto às nossas cotas mais agressivas, a felicidade, no limite, é um engodo. A cultura – soma das realizações e disposições que orientam nossa vida e nos difere dos antepassados (FREUD, 1930/2010) –, ao regular a vida em comum dos indivíduos, exige que este renuncie aos seus impulsos e desejos. Dessa forma, ela – a cultura –, o protege tanto das ameaças violentas da natureza quanto da atrocidade de cada indivíduo que – aqui Freud é leitor de Hobbes – poderia usufruir, humilhar, tratar como objeto sexual e de seus impulsos sádicos a quem achasse conveniente. Freud aponta em várias passagens do texto que o homem moderno trocou a sua satisfação – e no final das contas, sua própria felicidade – por uma parcela de proteção e segurança. O sentimento de mal-estar⁹, se é que podemos nomeá-lo assim, seria, em nosso entendimento, uma espécie de queixa, efeito de um negócio que não deu certo. Além da própria infelicidade que caracteriza a vida exigida pela cultura, restaria em cada um de nós a suspeita de que somos infelizes porque abrimos mão de tudo em prol da manutenção da civilização/cultura. No final das contas, se levarmos o raciocínio de Freud ao pé da letra, sofreríamos duplamente: a) ao reconhecer nossa infelicidade, b) ao reconhecer na cultura – produção nossa – a origem de nossa infelicidade. Tal reconhecimento faz com que a cultura viva sempre sob ameaça de desintegração. (FREUD, 1930/2010).

Não seria absurdo afirmar, numa primeira leitura, que a perspectiva freudiana é um tanto quanto pessimista, apesar de que o mesmo rejeitara tal imagem em uma entrevista

⁹ Macmahon, citado por Franco Filho (2009), relata que *A infelicidade na cultura* (Das Unglück in der Kultur) foi o título inicialmente escolhido por Freud. Não fica clara a motivação da mudança. Porém, supomos que a ideia de mal-estar talvez responda às duas características da infelicidade humana que citamos na sequência.

(VIERECK, 1926). No entanto, uma passagem dos *Estudos sobre a Histeria* (1895/1996), aliás, já deixara essa impressão no ar. Supondo que seria perguntado sobre a forma pela qual poderia auxiliar os pacientes que sofriam com a doença histérica, Freud comenta ser possível a seguinte resposta:

Sem dúvida, o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-lo de sua doença. Mas, você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade. (FREUD, 1895/1996, p.316).

Adequar-se a uma infelicidade comum não é um convite tentador. No entanto, parece haver nesta hipotética resposta de Freud um entendimento de que não se deve esperar muita felicidade da vida. Restituir a saúde e aprender a lidar com a infelicidade compartilhada é o que resta¹⁰. Cabe saber se há algo da pulsão de morte aí.

4.2 Mortificação e infelicidade

Freud (1930/2010), como já apontamos, não discute em seu ensaio a relação direta entre uma possível tendência de retorno ao inorgânico e a felicidade – ou até mesmo, a infelicidade. No entanto, no capítulo VI de seu texto, o autor nos deixa algumas pistas que podem contribuir para nossa proposta.

No referido capítulo, Freud diz que, a partir de APP, ficou o entendimento de que haveria no âmago de cada ser vivo um impulso que vislumbraria a sua dissolução. Agindo silenciosamente, a pulsão de morte só poderá ser percebida quando direcionada para o mundo externo, seja como pulsão de agressão ou de destruição¹¹. Via de regra, ao se manifestar assim, a pulsão de morte atua ao lado de Eros, ou melhor, a seu serviço. Afinal, a tentativa de

¹⁰ Em certo sentido, tal entendimento coaduna com aquilo que Freud irá propor, anos mais tarde, em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996). Sob a regência do deus *logos*, talvez o homem, deixando as ilusões religiosas de lado, possa concentrar as suas energias na vida terrena, no intuito de tornar a vida mais suportável para todos, sendo a cultura, no fim das contas, menos opressora. (FREUD, 1927/ 2010).

¹¹ Laplanche e Pontalis (2001) dão a entender que Freud não fizera, de forma clara, distinção entre ambas as manifestações da pulsão de morte. Fato é que tais nomeações se referem à pulsão de morte dirigida ao exterior. No caso da pulsão de agressão ficamos com o entendimento de que ela se volta para objetos externos.

dominar a natureza, por exemplo, elemento essencial para a construção da cultura só pode ser realizada se for utilizada certa dose de agressividade. Freud conclui que raramente – ou talvez nunca – Eros e Tânatos atuam de forma separada. Cita, a título de esclarecimento, o fenômeno do sadismo no qual atrelado a uma satisfação sexual erótica – de ligação, por assim dizer –, se encontra um forte impulso destrutivo. No caso do masoquismo, tal raciocínio também se aplicaria: ao mesmo tempo em que há um impulso destrutivo dirigido para o interior do indivíduo, tem-se a presença de uma ligação também erótica (FREUD, 1930/2010). “Quando não tingida pelo erotismo, a tendência destrutiva voltada para dentro escapa quase sempre à percepção”, diz Freud (1930/2010, p.138).

Levando-se em conta o papel desempenhado pela cultura, torna-se fácil supor os efeitos danosos da restrição de tais impulsos destrutivos ou agressivos. Segundo Freud, sendo impostos limites a estes, a autodestruição – sempre presente – acabará sendo intensificada. Essa ideia já fora defendida em *“O ego e o Id”* (1923/1996). Em 1923, Freud afirmara que, quanto mais controlada a agressividade a ser dirigida para o externo, mais dirigido contra seu ego ficará seu ideal. No mesmo texto, sugeriu que, se certa parte dos impulsos mortíferos são fundidos em componentes eróticos ou dirigidos para o mundo externo na forma de agressividade, outra quantidade – talvez, a maior parte – permanece realizando seu trabalho de forma silenciosa. Chega a citar o exemplo da melancolia o qual nos faz imaginar a existência de uma “cultura pura” da pulsão de morte que atacaria o ego, empurrando este à morte (FREUD, 1923/1996).

As referências que fizemos acima nos autorizam – se concordarmos com Freud– a supor que, muito além da repressão exercida pela cultura e do mau negócio realizado pelos indivíduos, a infelicidade, ou o “mal-estar” sentido por cada um, é efeito da atuação interna e silenciosa da pulsão de morte. Ao se voltar para o indivíduo, em tese, o seu agir o destruiria aos poucos. É um processo de estar doente, uma espécie de mortificação:

(...) Este é um dos perigos para a saúde com que os seres humanos se defrontam em seu caminho para o desenvolvimento cultural. Conter a agressividade é, em geral, nocivo e conduz à doença (mortificação). Uma pessoa num acesso de raiva com frequência demonstra como a transição da agressividade, que foi impedida, para a autodestrutividade, é ocasionada pelo desvio da agressividade contra si própria: arrancar os cabelos ou esmurrar a face, embora, evidentemente tivesse preferido aplicar esse tratamento a outrem. (FREUD, 1938/1996, p.163).

O caráter pitoresco do exemplo acima – arrancar os cabelos, esmurrar a face, digno de telenovela – não invalida a nossa suposição. Parece impossível, se acatarmos a hipótese da pulsão de morte conforme apresentada por Freud, recusar o papel por ela desempenhado na infelicidade humana. Quanto à felicidade, vamos expor nossas suspeitas ao final. Por ora, retomemos Laplanche no sentido de tentar colocá-lo “a trabalho” junto – ou contra – Freud.

4.3 Entre o disruptivo e a rigidez

Na introdução de *“Vida e Morte em Psicanálise”* (1985), Laplanche supõe que o lugar destinado à morte nos textos freudianos não denota uma tentativa de explicação no seio da teoria psicanalítica, e sim, responde a uma exigência ética. Ao verter o adágio latino *“si vis pacem para bellum / se queres paz, prepara-te para a guerra”* em *“se vis vitam para mortem/se queres vida, prepara-te para a morte”*, Freud teria cedido às tendências heróicas e clássicas que situaram na morte o direcionamento para a vida. No entanto, não faria sentido pensá-la como um *telos*, orientador de toda atividade, afinal, como o próprio Freud afirmara em 1915, não há registro da morte – de nossa própria morte – no inconsciente.

Daí, talvez fosse necessário transformar o adágio freudiano em *“se queres a vida, prepara-te para a morte do outro”*. (LAPLANCHE, 1985, p.14). O possível achado ético a ser retirado de tal adágio, ao que nos parece, é uma espécie de compreensão de que, no fim das contas, a morte do outro – passível de registro no inconsciente – se encontra imbricada a minha, já que ela se faz marcada pela ambivalência: ao mesmo tempo em que a desejo, sou marcado pelo temor de seu acontecimento. Tal ética, pelo visto, não faz menção a uma tarefa prática, uma possível alteração de comportamento ou melhoria no trato com os outros seres humanos. Relaciona-se, em nosso entendimento, com o reconhecimento de tal caráter ambivalente aqui citado. Baseado em passagens do texto *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, de 1915, Laplanche comenta que a discussão apresentada por Freud deixa no ar uma espécie de sentimento de desconfiança, uma lucidez que traz à cena a presença da morte de cada um diante da morte do outro.

Sendo assim, de saída já fica claro que Laplanche não assumirá na discussão sobre a pulsão sexual de morte qualquer princípio que direcione a vida à morte. Vida e morte. Temas contrários, dependentes um do outro, mas que, por excelência, não são objetos da psicanálise

(LAPLANCHE, 1985). Talvez, dirá Laplanche, a morte que a pulsão sexual de morte visa é a morte do ego. Se Eros visa conservar o Ego como objeto primário, Tânatos busca destruir este que, no ser humano, representa os interesses do organismo biológico. É a sexualidade que ameaça a integridade do ego. (LAPLANCHE, 1985).

O ego, conforme Laplanche (1985), parece assumir o modelo do campo vital como o norteador de suas ações. Busca se constituir tal qual um ser vivo, dotado de um princípio de constância, vislumbrando a homeostase. Já a sexualidade, nada deve à ordem vital. Utiliza a vida apenas como protótipo de fantasias. No entanto, a sexualidade também está do lado do ego. “Eu vivo pelo amor de mim, pelo amor do ego”, dramatiza Laplanche (1985). Dessa forma, temos um conflito: de um lado, a sexualidade livre; de outro, a sexualidade “ligada”, conforme ao ego.

Se o núcleo da pulsão de morte é o id, conforme Laplanche dissera, depreenderemos que nesta corrida em direção à satisfação estarão presentes os resquícios do recalçamento originário, a saber, as próprias representações-coisa. São elas que ameaçam destruir o ego, silenciosamente. Hipoteticamente, em estado limite, a pulsão de morte seria marcada por um movimento agressivo, sem nenhuma ligação. Diante de tal movimento, caberia ao ego se defender do ataque que, aliás, se assemelha ao exposto acima quando tratamos da referencia freudiana à melancolia. Aliás, este é o ponto que aproxima as ideias de ambos os autores.

Ora, Laplanche também aponta que há um perigo proveniente do trabalho realizado pela pulsão de morte. A angústia de morte sentida pelo ego é resultado da percepção de perigo, efeito de tal trabalho silencioso. A invasão da pulsão sexual não ligada poderia ocasionar um transbordamento desta, o que desestruturaria o ego. Uma resposta possível ao transbordamento seria a evitação das tensões por parte do ego. Este tentaria garantir a homeostase, “visando poupar toda sobrecarga, mas também toda hemorragia libidinal: recusa de novas possibilidades no obsessivo ou no onofílico; ascetismo, estoicismo ou epicurismo.” (LAPLANCHE, 1988b, p.106).

Temos aqui, então, duas espécies de mortificação: uma, pulsional por excelência, cuja meta, hipoteticamente, é a descarga completa (princípio do nirvana), o que exigiria a destruição do ego; outra, a partir da intervenção egoica, que visa a abolição imaginária do desejo e, naturalmente, das tensões. Esta última não visaria à redução completa, mas sim a manutenção de certo equilíbrio (princípio de constância). Ainda assim, Laplanche comenta

que ela diz respeito a uma “verdadeira mimetização da morte” (LAPLANCHE, 1988b, p.106). Ao ego, diz Laplanche, estão disponíveis quatro ou seis formas de se garantir a homeostase:

Aceitar uma descarga ou um aumento de tensão moderados – evitar uma descarga ou uma tensão excessivas – evitar a descarga e a tensão mesmo se moderadas. Estas duas últimas eventualidades corresponderiam ao Nirvana budista, tão diferente da devastação esquizofrênica quanto o silêncio do monastério difere de Hiroshima. (LAPLANCHE, 1988b, p.106).

Diante do excesso da pulsão sexual de morte, cabe ao ego “escolher” uma das opções. E, assim, lidar com aquilo que irrompe. O caráter disruptivo da sexualidade deve residir no fato de que ela se mantém pulsando o tempo todo, exigindo tal escolha. Seu irromper abrupto, como já dissemos várias vezes neste texto, pode ser desagregador, causando o desfalecimento do psiquismo. Por outro lado, o excesso de rigidez, como citamos no capítulo anterior, na visão laplancheana, também pode ocasionar uma espécie de morte psíquica. Neste caso, estaríamos diante de um modo de funcionamento sem mobilidade. A ideia de uma morte psíquica, também um *optimum* teórico, só pode fazer menção a um tipo de inércia da libido, algo próximo à ideia de adesividade – ou viscosidade – discutida por Freud (FREUD, 1937/1996). Neste caso, a tentativa de defesa perante os excessos da pulsão sexual de morte seria tamanha, tendo como resposta possível uma fixidez excessiva em determinado aspecto da vida, ou do objeto. Tal imobilidade também parece distar da felicidade almejada pelos homens na visão de Freud. O mesmo se aplica à ataraxia, essa espécie de ausência de perturbação na mente/alma.

A ausência de perturbação na alma visada pela sabedoria antiga – epicuristas e estoicos, por exemplo – se seguirmos o raciocínio laplancheano (1988b), também tem o seu quê de infelicidade. É uma estratégia que busca quietude – estratégia, aliás, citada no ensaio “O mal-estar” (1930/2010) – mas, a encontra na abolição do desejo, se é que esta é possível. O que temos de resultado, então, é uma espécie de felicidade menor. Ou felicidade na renúncia. Posição difícil esta. De um lado, o rompante da pulsão sexual de morte; de outro, a quietude ascética. De fato, não parece ser possível a felicidade. Vai ver, não se encontra realmente no plano da Criação.

Deixando as queixas de lado, retomemos nossa especulação: o que a pulsão sexual de morte laplancheana pode contribuir para nossa discussão? Ou como poderíamos reler a felicidade freudiana a partir de Laplanche? Fica claro que não será possível responder com tamanha certeza tais questões. O que nos resta são apontamentos.

De nossa especulação, depreendemos a mesma ideia apresentada acima, quando discutimos a mortificação em Freud. Talvez, o que marca a infelicidade, esse mal-estar que acompanha muitos, no pensamento laplancheano, também seja este aspecto adoecido ocasionado pela pulsão de morte. Se para Schopenhauer, citado por Comte-Sponville (2001), a infelicidade residiria no fato de que a vida circula tal como um pêndulo, entre o tédio e a falta, entendemos que se possa aplicar a mesma figura ao nosso raciocínio: nossa suspeita reside no fato de que o giro da vida, além de ser marcado pelo conflito pulsional, é definido, sobretudo pelas respostas apresentadas. Se há o excesso da energia livre, risco de inundação, desorganização= infelicidade; se temos o controle excessivo do ego, restará rigidez, obsessividade, pouca mobilidade e, no final, das contas, pouco prazer= infelicidade¹².

E a felicidade? A felicidade deve ser um produto, resultado de um trabalho que consiga articular, fazer girar o pêndulo pulsional, por assim dizer. Diante do transbordamento fragmentador e da rigidez egoica, parece ser necessário um trabalho psíquico que faça uso das mesmas armas disruptivas da pulsão sexual de morte. É com a energia oriunda da pulsão sexual desligada que será possível construir, estabelecer ligações que não sucumbam ao enrijecimento nem ao excesso. Neste sentido, a cultura, em que pese seu lugar de restrição tal como apontado nos textos freudianos, é o lugar próprio ao estabelecimento das ligações. É na lida com o mundo, no relacionamento – difícil – com o outro que certo tipo de ligação será possível.

Ao longo da história da filosofia, ou do pensamento religioso, sempre se deu destaque, como recurso de felicidade, à ideia de temperança. Não é à toa que a palavra moderação, bem como a noção do “caminho do meio”, seja tão compartilhada nas culturas orientais, e também do ocidente, quando se trata de práticas que visam à felicidade. Talvez, o que subjaz nos ensinamentos das escolas de sabedoria seja o entendimento de que em cada desejo, vontade e ambição está implícita a responsabilidade de escolher em qual posição o pêndulo há de se manter.

¹² Torna-se impossível não tecer juízos de valor acerca do exposto. Do ponto de vista que defendemos neste texto, baseados em Freud, a imobilidade da pulsão é visto como algo danoso à felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de nossa especulação, nos cabe retomar alguns aspectos apresentados ao longo de nosso trabalho. Nossa proposta era estabelecer uma possível relação entre a hipótese da pulsão de morte e a felicidade, interrogando – sobretudo – a suposta tendência de retorno ao inorgânico. Esperávamos produzir apontamentos que nos permitissem pensar uma concepção de felicidade, em que pese a existência da pulsão de morte.

Ao longo do texto, apresentamos as concepções de Freud e de Jean Laplanche acerca da pulsão de morte. De um lado, Freud, uma ideia ainda marcada por um caráter biologicista, marca do programa de pesquisa influenciado pelo pensamento do século XIX; de outro, Laplanche, a ideia de uma pulsão sexual de morte inserida no contexto da Teoria da Sedução Generalizada. Associar ambas as propostas ao tema da felicidade nos pareceu uma tarefa um tanto quanto difícil de realizar. Mas, a infelicidade nos deu brechas.

Se a infelicidade, como diz Freud, parece mais próxima de nossa experiência, talvez, e este foi o aspecto por nós defendidos, ela seja efeito de um processo de adoecimento – de mortificação – causado pelo silencioso trabalho realizado pela pulsão de morte. Na medida em que a cultura inibe a manifestação da pulsão de agressão, haveria uma tendência de impulsos agressivos serem direcionados ao próprio indivíduo. Tal ideia de mortificação nos permitiu aproximar as discussões realizadas por Freud e Laplanche. Para este último, conforme apresentamos, o excesso da pulsão sexual de morte, não ligada, poderia desestruturar o ego. Aliás, sinalizamos que, levando em conta a relação com a pulsão de morte, nos parece que a felicidade depende de certa administração, certo trabalho psíquico que faça a mediação entre a fragmentação e a rigidez. É no seio da cultura, no trato com o outro, que tal mediação poderá se realizar. Aqui, cabe acrescentar nossa aposta de que o trabalho realizado no processo de análise pode contribuir para que a energia da pulsão sexual de morte seja, digamos, encaminhada, situada no campo da cultura de uma maneira que possa contribuir para o bem-estar do indivíduo. Afinal, faz sentido pensar um processo analítico que não vise à felicidade?

Antes de concluir, cabe ainda uma última especulação de difícil sustentação: o princípio do Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte. A felicidade, como diz Freud, assim como o sentido da vida, está diretamente ligada ao programa do princípio do prazer. Se pensarmos este do ponto de vista de sua função – redução das tensões –, suporíamos que, no

final das contas, o princípio do Nirvana é a sua excelência, sua mais pura efetividade. Caberia concluir que, no limite, a felicidade freudiana está mais para o inanimado do que para a vida. Não! Freud não faz este tipo de raciocínio. São digressões nossas. Mas, de passagem, em alguns textos, associa o prazer do coito – a arte de amar, como ele nomeia, modelo de felicidade – à morte. De nossa parte, sem defender a noção freudiana ou a laplancheana, ficamos com o entendimento de que a morte do indivíduo não pode ser tida como um horizonte de felicidade. A felicidade há de ser algo aí no meio do caminho. Em que pese a fragmentação, em que pese a rigidez. A distância entre ambas somente a experiência regula. De fato, não existe uma regra de ouro.

REFERÊNCIAS

- BELO, F. R. R. O paraexcitações (Reizschutz) e a paraskeuê. **Psicologia em Estudo** (Maringá), v. 17, p. 425-433, 2012.
- CAROPRESO, F; SIMANKE, R.T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Ágora** (Rio de Janeiro), v.IX, n.2, p.207-224, jul/dez, 2006.
- COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FIRMINO, C.E; KAITEL, A.F.S. **A noção de felicidade em Freud e Comte-Sponville**: possíveis aproximações e distanciamentos. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v.31, n.74, julho/setembro de 2013.
- FIRMINO, C. E. **Da insatisfação do desejo ao gaio desespero**: contribuições de Freud e Comte-Sponville para o estudo da felicidade. 2010.47f. Monografia (Conclusão do curso). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte.
- FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não felicidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.43, n.2, junho de 2009.
- FREUD, S. **O mal-estar na cultura** (1930). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** (1927). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FREUD, S. (1938). A teoria dos instintos. In FREUD, S. Esboço de Psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.23: Moisés e o Monoteísmo e outros trabalhos (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S.(1937). Análise terminável e interminável. In FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.23: Moisés e o Monoteísmo e outros trabalhos (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 19: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S.(1923). O Ego e o Id. In FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.19: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Além do principio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.18: Além do principio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.12: O caso Schreber, Artigos sobre Técnicas e outros trabalhos (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.233-244

FREUD, S. (1895/1996). A psicoterapia da Histeria. In FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.2: Estudos sobre a histeria (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996, 350p.

GIACOIA JR, O. Ontologia e metapsicologia: considerações sobre o dualismo pulsional. **Ideias** (UNICAMP), v. 1, p. 123-143, 2012.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J. Três planos: Apego e autoconservação, sexualidade, sexualidade narcísica. In: LAPLANCHE, J. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Cap.8, p.79-96.

LAPLANCHE, J. Fundamentos: rumo à teoria da sedução generalizada. In: LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992(Estante de psicanálise). Cap.2, p.95-160.

LAPLANCHE, J. A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência. In: LAPLANCHE, J. **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b. Cap.7, p.72-83.

LAPLANCHE, J. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In LAPLANCHE, J. **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. Cap.9, p. 97-107.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. **Problematisques I: L'angoisse**. Paris: PUF, 1981.

PADILHA NETTO, N.K; CARDOSO, M.R. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.17, n.3, p.529-537, set.2012.

VIERECK, G. S(1926). **O valor da vida – uma entrevista rara de Freud**. Tradução de Paulo César Souza. Disponível em: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a186.htm> Acesso em 08 de agosto de 2010